

## DISCURSO DO PRESIDENTE SAMORA MACHEL

### AO CORPO DIPLOMATICO ACREDITADO EM MOÇAMBIQUE

O Corpo Diplomático acreditado em Moçambique apresentou ontem, ao fim da tarde, as saudações e votos para o Novo Ano, ao Presidente Samora Moisés Machel, à FRELIMO, ao Governo e ao Povo Moçambicano.

Presentes à cerimónia, para além dos representantes diplomáticos dos diversos países, membros do Ministério dos Negócios Estrangeiros, encabeçados por Joaquim Chissano e Armando Panguene, respectivamente Ministro e Vice-Ministro, encontravam-se igualmente presentes Oscar Monteiro, Ministro de Estado na Presidência e diversos membros afectos ao seu Ministério.

Após ter sido proferida a mensagem do Corpo Diplomático, lida pelo decano interino, embaixador Rankin Titus Sikasula, da Zâmbia, o Presidente Samora Moisés Machel, agradecendo a saudação, traçou uma panorâmica do que foi o ano de 1975, salientando ter este sido um ano caracterizado por diversas ofensivas e vitórias populares. Igualmente fez uma análise do que tem sido a luta dos povos oprimidos e das manobras internacionais do capitalismo.

#### Palavras proferidas pelo Presidente Samora Machel:

«Ficámos muito sensibilizados pelas palavras que o vosso Decano Interino dirigiu ao nosso Partido, ao nosso Estado, ao nosso povo. Como expressão do sentimento dos vossos povos e Governos, essas palavras de solidariedade e amizade constituem para nós um encorajamento e um estímulo. Queremos também agradecer a vossa presença e participação nesta reunião, a primeira do género que tem lugar no nosso país. Em larga medida ela pode simbolizar as modificações que tiveram lugar durante o ano de 1975.

Acabámos de terminar o ano de 1975, um ano de significado profundo para toda a Humanidade.

Durante este ano, ano do trigésimo aniversário da vitória dos povos contra o fascismo, trigésimo aniversário da ONU, novas e decisivas vitórias de grande projecção histórica, foram alcançadas.

Podemos afirmar que 1975 registou um progresso seguro da Humanidade em direcção à Paz real. Falamos de Paz real, isto é, daquela que mais que cessação de hostilidades se funda na remoção e destruição das causas dos conflitos — a dominação dos povos, a pilhagem dos seus recursos naturais e o consequente desequilíbrio do desenvolvimento socio-económico. 1975 foi um ano de grandes ofensivas populares, um ano de vitórias

para os povos, um ano de sucessos decisivos nas frentes da liberdade e independência nacional, na frente do estabelecimento duma nova ordem económica e social ao nível internacional.

1975 foi o ano da vitória do longo e duro combate dos povos da antiguidade portuguesa por tuguêsas. Sucessivamente Moçambique, Cabo Verde, Guiné e Príncipe, Angola e Timor-Leste conquistaram a independência nacional.

O combate exemplar e heróico dos povos da Indonésia alcançou uma vitória histórica e decisiva, que alargou e consolidou a zona libertada da Humanidade. A Humanidade enriqueceu-se com a vitória dos nossos camaradas de armas do Vietname, do Laos, do Camboja.

A libertação do arquipélago das Comores, do Surinam, da Papua-Nova Guiné, reduziram ainda mais o campo do colonialismo. Com alegria podemos já antever o momento em que se juntarão às Nações Livres, as Seychelles e a Costa d'Avreia francesa da Somália.

Estas vitórias foram edificadas por uma luta longa dos povos e por uma acção solidária da comunidade africana e internacional.

Mas a vitória da liberdade não se confinou à concessão de novos países à independência. A consolidação do regime popular, a intensificação em

numerosos países da luta popular empreendida contra o sistema de exploração, o sistema de falidos valores e as formas que alienam e mortificam são também vitórias da causa da liberdade.

1975 foi o Ano Internacional da Mulher. Impunha sublinhar o sucesso alcançado nesta frente fundamental do combate pela liberdade. Conjugando com a luta popular a luta de ideias, a construção da consciência da mulher como condição essencial do progresso dos povos, sublevaram contra o homem explorador, o homem trabalhador, como o aliado natural da mulher.

Esta perspectiva justa traduz o progresso das ideias correctas, exprime a tendência geral a favor da Revolução.

A Revolução destina-se a instaurar uma nova ordem social e económica, em cada país e nas relações entre os membros da comunidade internacional. Neste campo em Li e na Sétima Assembleia extraordinária das Nações Unidas, os povos conseguiram impor princípios essenciais que deverão orientar as relações económicas na comunidade internacional.

Ai se impôs o Direito dos povos. recuperarem para seu benefício os seus recursos naturais, registando-se pois uma vitória na liquidação de relações de tipo imperialista entre as Nações.

A presente tendência é favorável à aplicação do princípio da igualdade entre os Estados, e à aplicação do Direito de cada povo ser senhor do seu destino, isto é, escolher a ordem política, económica e social que corresponde aos seus interesses. A aplicação destes princípios torna real a norma de não ingerência nos assuntos internos dos outros Estados.

Foi nesta base que as nações europeias deram um passo importante na edificação da Paz, com a Conferência de Helsinquia.

Devemos dizer no entanto que estas vitórias, em certa medida, alcançadas na Europa, tendem a confinarem-se à Europa e que frequentemente o imperialismo procura reduzir o significado do desarmamento a uma simples transferência das zonas geográficas de tensão.

Senão todos Estados igualmente livres e soberanos é inadmissível que certas potências pretendam definir as zonas de influência, determinar a ordem política, económica e social de cada Estado, e até utilizar a subversão e a violência contra os que resistam às suas imposições.

Contra a vontade unânime dos Estados do Oceano Índico, têm-se instalado na nossa zona bases estrangeiras de agressão. A introdução de armas nucleares no Oceano Índico, a multiplicação de bases em Mayotte, Diego Garcia, Djibouti, não corresponde aos interesses dos Estados ribeirinhos, nem da Humanidade. Estas bases, ameaçam a Paz e a segurança do Oceano Índico, constituem um perigo para o direito dos povos da zona escolherem o sistema político, económico e social que melhor corresponde aos seus interesses.

Excelências:

Durante dez anos, com o apoio dos países progressistas e das forças democráticas mundiais, o povo moçambicano combateu de armas na mão para restabelecer a Paz em Moçambique. A conquista da Independência nacional, o estabelecimento do Poder Popular Democrático, a batalha presente do nosso povo para

edificar a base material que liquida a exploração, a miséria, a ignorância, a doença, o combate pela liquidação dos vícios da velha sociedade, constituem outros tantos factores da nossa contribuição para a Paz verdadeira que enriquece a Humanidade.

A República Popular de Moçambique felicita-se da profunda compreensão e apoio que a sua acção encontrou na comunidade das nações.

A Organização da Unidade Africana sempre nos acompanhou fraternalmente quis marcar a sua solidariedade conosco. O seu Presidente em exercício, o nosso respeitado camarada e amigo, general Syllus Barre, representou o Continente nos momentos históricos do 25 de Junho.

Logo a seguir, na Cimeira de Kampala, um vasto conjunto de dirigentes da grande família da OUA.

Com apreço e amizade idênticos fomos recebidos na ONU e no Movimento dos Países Não-Alinhados.

As Organizações democráticas internacionais de massas, com alegria partilharam conosco a que é uma vitória comum e mobilizaram-se num esforço magnífico de apoio à nossa República.

Num momento difícil da vida do povo irmão angolano, tal como durante a guerra de libertação, reuniram-se a CONCP, honrado por ter conosco, então, o Presidente Agostinho Neto e altos dirigentes da MPLA. O Secretário-Geral-Adjunto do MLSTP com dirigentes do Partido e Estado, vieram representar S. Tomé e Príncipe. Concedeu este, representando o PAIGC, o nosso irmão e camarada de armas, Aristides Pereira, acompanhado pelo Primeiro-Ministro Francisco Mendes e outros destacados dirigentes do Partido e dos Estados da Guiné-Bissau e Cabo Verde. Esta reunião histórica ajudou-nos a concertar a frente comum contra a agressão imperialista em Angola.

Aqui também recebemos os representantes dos povos afro-asiáticos que quiseram exprimir hoje, como ontem, a solidariedade que a todos nós une no combate pela independência nacional, a justiça, o progresso, e a Paz.

Em Moçambique tivemos a honra de receber com emoção, carinho e alegria, o nosso respeitado camarada e amigo

Presidente Julius Nyerere. A sua visita permitiu a milhões de moçambicanos exprimir os seus sentimentos mais fraternais para com o povo tanzaniano, os seus grandes Partidos o TANU e o Afro-Shirazi, o seu dirigente. Esta visita abriu uma nova página na cooperação fraternal e na ajuda mútua entre os nossos Partidos, Estados e Povos.

Nestas seis meses de independência nacional estabelecemos já relações diplomáticas com numerosos Estados.

É nosso desejo sincero estabelecer e consolidar relações frutuosas de amizade e compreensão com todos os Estados, independentemente dos seus regimes sociais, com excepção, é evidente, dos Estados racistas, dos Estados em que são grosseiramente violados os direitos essenciais do Homem.

Nestas poucas meses foram assinados já numerosos Acordos que contribuirão para a resolução dos graves problemas que enfrentamos para arrancar o nosso povo da miséria, da ignorância, da doença. Com muitos dos nossos Estados estão previstos para o futuro próximo, o estabelecimento de fronteiras que reforçaram a coesão da República Popular de Moçambique com os seus irmãos africanos e com o povo português.

Os povos do continente africano, os povos do mundo inteiro, apoiaram a justa luta do povo de Zimbábue.

Excelsências:

Os povos do continente africano, os povos do mundo inteiro, apoiaram a justa luta do povo de Zimbábue.

Na África Austral a Independência, a Liberdade e a Paz, são extremamente precárias.

O povo angolano acedeu à Independência para se ver imediatamente confrontado com uma agressão, brutal e aberta. O regime do Pretória invadiu em profundidade o território da República Popular de Angola, país africano soberano, invadiu e ilegalmente advega o direito de e fazer, invade o território para cessar a sua agressão e a sua violação dos direitos diplomáticos da República Popular de Angola.

A República Popular de Moçambique, em conjunto com a África e todos os Estados que

prezam a Liberdade, a Democracia e a Paz, age para apoiar resolutamente o povo angolano na sua justa luta para preservar a Independência e unidade nacionais e expulsar os agressores do seu território.

Durante o processo da guerra colonial-imperialista de agressão, o regime de Salazar invadiu, bombardeou e atacou o nosso país.

Depois da derrota portuguesa, o regime de Salazar manteve as suas tradições de agressor, provocando numerosos e continuos incidentes de fronteira. Tal como durante a guerra colonial, a República Popular de Moçambique continua a apoiar Moçambique.

A agressividade do Salazar contra a República Popular de Moçambique é uma manobra, grandiosa de salazar para camuflar as contradições antagónicas do país, para desviar a atenção da população e da opinião internacional da Guerra de Libertação que se desenvolve no Zimbábue.

Jan Smith, agindo irresponsavelmente, persegue a via de quem de todos os agressores quer fugir e foge para a África.

O povo de Zimbábue, soberano e libertado, e o povo de Moçambique conquistará a sua Independência nacional. O povo moçambicano apoiará sempre a justa luta do povo de Zimbábue.

Estabelecendo uma identidade de pensamento com Salazar, o regime do Pretória, para propagar a agressão contra a povo da Namíbia, estendeu a sua guerra a Angola.

O povo da Namíbia, como todos os povos, possui o direito inalienável à Independência e Integridade do seu país. Sob a liderança do SWAPO, seu legítimo representante, o povo irmão da Namíbia conquistará a Independência.

A África do Sul, como desde sempre, é um Estado africano soberano, excluído da comunidade internacional em virtude da sua política racista e, portanto, necessitando também, por causa da sua agressividade permanente,

O regime antipopular pretende multiplicar os ataques e o Estado de feroz como uma tentativa contra o movimento libertador e o povo da Namíbia para atacar a África realmente independente.

Mas queremos dizer que a manobra fracassará porque mesmo os Estados fantoches são habitados pelo povo, e o povo nunca é fantoche. O povo quer a Liberdade, o povo quer a Independência, o povo quer o fim da exploração.

Igualmente nos preocupa a agressão de que é vítima a República Democrática de Timor-Leste. Quando o povo de Timor-Leste, pelo seu combate, põs termo ao colonialismo português, aqueles que sempre se mantiveram indiferentes pretenderam apresentar-se como os herdeiros activos do regime derrubado.

A agressão praticada contra Timor-Leste é uma violação grave e irreparável dos princípios de Bandung, é um acto que condena historicamente os que o praticaram.

O nosso Estado apoia activamente o justo combate da República Democrática de Timor-Leste, sob a direcção da FRETILIN, para defender a independência e soberania nacionais e o direito do povo a escolher o regime político, económico e social que melhor corresponde aos seus interesses.

Também não podemos guardar silêncio perante a sentença de certos Estados membros de Africa em apresentarem-se como sucessores do colonialismo no Gara. A violação grave da vontade do povo à autodeterminação e à independência, a divisão dum país entre potências, e o emprego do exército para esmagar as aspirações populares, são características essenciais do colonialismo.

O povo das Ilhas Comores conquistou a sua independência. Este facto foi reconhecido por todos os Estados membros da comunidade internacional. Nós esperamos que a França saberá também reconhecer esta independência, aceitando o direito dos povos das Comores à integridade territorial e a viver livres das bases militares estrangeiras.

Da mesma maneira em Djibouti, Costa dita francesa da Somália, esperamos que a França reconheça os Movimentos de Libertação, aqueles que sempre combateram pela independência nacional como legítimos representantes do povo. O fim das medidas repressivas, a retirada das tropas de ocupação, a participação activa dos Movimentos de Libertação em todas as discussões, são condições essenciais para se possam criar uma

Os povos árabes ainda vivem sob agressão sionista. Israel continua a ocupar territórios usurpados. A República Popular de Moçambique apoia a justa luta dos povos árabes pela recuperação dos seus territórios. Igualmente apoiamos a luta do povo palestino pelos seus direitos nacionais; o sucesso desta luta é o factor decisivo para o restabelecimento duma Paz justa e duradoura no Médio Oriente.

O povo moçambicano apoia resolutamente o combate do povo coreano pela libertação do sul, a reunificação pacífica da Pátria e o desenvolvimento do Norte Socialista.

Igualmente apoiamos com firmeza a luta do povo chinês contra a ocupação imperialista de Taiwan, pela reintegração dessa provincia na República Popular da China.

Na América Latina a Revolução Cubana acaba de começar a vigorar com a grande vitória que constitui a realização do I Congresso do Partido Comunista Cubano. O exemplo da revolução cubana estimulou o movimento progressista do continente latino-americano, como testemunha o número crescente de revoluções patrióticas anti-imperialistas.

O campo socialista, a partir da libertação da Alemanha Oriental, registou vários sucessos na sua marcha histórica e inovadora, não para a Nova Sociedade, mas sucessos políticos, económicos, culturais, sociais, diplomáticos, reforçam decisivamente o combate popular à ecologia mundial.

O triunfo da raça da Independência e Liberdade não se concretiza somente pela aquisição formal da independência e da liberdade política. Estas constituem certamente o ponto indispensável do partido. Mas cada vez mais prominently se torna a necessidade de edificação da base material da verdadeira independência e liberdade.

As relações de exploração, de relações comerciais e económicas imperialistas são hoje os obstáculos principais na resolução dos problemas da sociedade contemporânea.

Para destruir este obstáculo é indispensável materializar-se a aliança objectiva que une os países progressistas e economicamente avançados aos países submetidos à pilhagem imperialista. Simultaneamente, impõe-se que, entre os países do Terceiro Mundo, a aliança política seja completada por uma ajuda mútua e um intercâmbio económico, cultural e social crescentes.

Queríamos que uma importância maior fosse dada à cooperação interafricana e especialmente, numa primeira fase, à cooperação entre os Estados soberanos africanos duma mesma zona.

O ano de 1976, é o voto de todos nós, deve ser um ano de consolidação da Independência e Liberdade, um ano de intensificação das Lutas de Libertação Nacional, um ano de maior cooperação entre as Nações, um ano em que se reforce assim a base política, económica e social da Paz.

**Excelências:**

Em nome do povo moçambicano, em nome do nosso Governo, desejamos saudar por este primeiro fim do ano que celebraram no território livre da República Popular de Moçambique.

Muitos de vós estiveram conosco nos horas duras e difíceis. Outros encontraram-se separados de nós pelo colonialismo português. A derrota do colonialismo português libertou esses entre os obstáculos que impediam o estabelecimento de relações de amizade e cooperação entre os nossos países.

A todos repetimos com orgulho: Bem-Vindos na terra livre de Moçambique.

A todos pedimos que transmitam aos vossos pais e aos vossos irmãos, a mensagem de amizade, de fraternidade, de solidariedade, de prosperidade, de cooperação e de paz.

Aos senhores diplomatas, às suas famílias, às suas crianças em particular, desejamos um excelente Ano de 1976, cheio de saúde e felicidade, com êxito na vossa acção no âmbito da aproximação entre os povos.

Por estas objectivas façamos um brinde em conjunto.

**FELIZ ANO NOVO  
A LUTA CONTINUA!**

(De: "Notícias", Maputo, 1976-01-06)